

Natália Elisa Magalhães¹
Roberta S. B. Florencio²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a contribuição da Musicoterapia para o gerenciamento do stress infantil. Apresenta-se aqui uma pesquisa bibliográfica junto de relatos de experiências acadêmicas onde o repertório utilizado para o trabalho musicoterapêutico foi o das canções folclóricas. Para o trabalho, foram consideradas as canções folclóricas contidas no Guia Prático de Villa-Lobos e utilizou-se a Taxonomia Triádica, proposta por Laura Franch Schmidt da Silva para realizar a análise das canções.

Concluiu-se que as canções folclóricas possuem textos breves, são facilmente acompanhadas por movimentos corporais que fazem parte do cotidiano da criança e estimulam o seu imaginário. Suas frases são curtas, de estrutura melódica e harmônica simples, o que faz com que a canção seja facilmente apreendida pela criança. Por possuir a música como ferramenta e diferencial de outras modalidades terapêuticas, a Musicoterapia consegue, através do brincar, proporcionar momentos em que a criança tem a oportunidade de viver a sua infância, brincando, criando e recriando cenas dentro do tempo e espaço propostos pela música.

Palavras-Chave: Stress, canções folclóricas, Musicoterapia.

ABSTRACT

The aim of this article is to present a musical therapy contribution to manage children's stress. A bibliographical research with reports of academical experiences is presented here. The collection of material used in this musictherapeutical work was the folkloric songs. We considered the folkloric songs that contain in the Pratical Guide of Villa-Lobos. It was used Taxonomia Triádica proposed by Laura Franch Schmidt da Silva to aclave songs analisys.

The final conclusion is that folkloric songs have short texts, so they are easily followed by body movements, this is part of child's daily life and it stimulates his imaginary. Folkloric songs have short sentences with melodic structure and simple harmony that wakes easier to be learned by children.

Musical therapy has music as its main tool, so it's very different form the other types of therapies. Music Therapy gets though having fun, the moments in witch a child has the oppportuning of living his childhood playing, creating and re-creating scenes within time and space intended by music.

Key words: Stress, Folkloric Songs, Music Therapy.

¹ Musicoterapeuta. Faculdades EST. Mestranda em Teologia. Faculdades EST.

E-mail: nat_mag@hotmail.com

² Musicoterapeuta. Faculdades EST. Pós-graduanda em Psicopedagogia Universidade Gama Filho

E-mail: robeflor@hotmail.com

1 O STRESS INFANTIL

Nos últimos anos, tem sido possível constatar a incidência do stress não somente em adultos, mas também em crianças, sendo este um fator de risco da saúde mental na adolescência e na vida adulta. A independência precoce e a inserção das crianças em diversas atividades, podem ser causadoras do aumento do stress infantil.

Segundo Lipp, o stress é "um conjunto de reações que temos quando algo acontece que nos amedronta, nos irrita, excita ou nos faça extremamente felizes"³

O stress infantil pode ter causas externas e internas, da mesma forma como ocorre com o adulto, mas essas causas são diferenciadas. Os fatores externos que mais causam stress na infância são: mudanças significativas ou constantes, responsabilidades em excesso, excesso de atividades, brigas ou separações dos pais, morte na família, exigência ou rejeição por parte dos colegas, disciplina confusa por parte dos pais, nascimento de irmão, troca de professores ou de escola, mudança de vizinhança, pais e professores estressados (...). Os fatores internos são os do próprio indivíduo, que o levam a reagir e a sentir-se de determinado modo. Esses fatores que geram stress na criança são: ansiedade, depressão, timidez, desejo de agradar, medo de fracasso, medo de que os pais morram e ela fique só, medo de ser ridicularizada por amigos etc. Fatores como responsabilidade excessiva, problemas de saúde na família, separação de pais podem contribuir para a presença de stress nas crianças.

Independentemente da causa, o stress infantil pode levar a problemas sérios, tais como: asma, úlceras, alergias, distúrbios dermatológicos, diarreia, tiques nervosos, dores abdominais (...). Quando o sistema imunológico é afetado, a resistência da criança é reduzida e ela se torna vulnerável a qualquer vírus a que esteja exposta, como o da gripe, e podem aparecer úlceras, hipertensão arterial, obesidade e bronquite. Isto pode ter como elemento desencadeador uma crise de stress excessivo e prolongado.

O desenvolvimento humano é marcado por várias etapas, as quais são acompanhadas das mais variadas tensões. Há crianças que lidam muito bem com situações tensas, enquanto que outras são mais sensíveis. A forma com a qual a criança encara as tensões da vida determinará sua resistência adulta. Quando as tensões do ambiente estão dentro da capacidade de resistência a criança consegue adaptar-se e manejar as situações estressoras. Trata-se de uma adaptação saudável que deve ser apreendida pela criança. As tensões da vida precisam existir para que a criança aprenda a lidar com elas e a elaborar estratégias para resolvê-las. Quando não há essa adaptação e adequação, a criança poderá tornar-se um adulto também estressado.

As temáticas acima apresentadas são encontradas nas canções entoadas por crianças. Este momento de tensão e repouso acompanham a criança durante todo o seu desenvolvimento, são vivenciadas comumente em jogos e brincadeiras e até mesmo em suas canções de ninar. Na canção do Boi da Cara Preta, por exemplo, temos representada a figura do Boi, que não apenas é Boi, mas possui a cara preta e ameaça pegar a criança que tiver medo de careta. Podemos constatar então a presença da tensão em uma canção de ninar, onde há a ameaça de a criança ser retirada de perto de sua mãe. O repouso nesta canção é representado pelo próprio sono.

³ LIPP, M.E.N.; SOUZA, E.A.P.S.; ROMANO, A.S.F.; COVOLAN, M.A. Como enfrentar o stress infantil. São Paulo: Ícone, 1991. p.20

2. MÚSICA E MUSICOTERAPIA

Qualquer anomalia que afete um indivíduo dificulta seu relacionamento com o ambiente e com as pessoas. A música como um meio de comunicação não verbal e por ser a mais social de todas as artes, pode contribuir para melhorar ou reatar relações interpessoais. Outro aspecto das relações interpessoais positivas é a auto-estima. A necessidade de auto-estima se expressa com freqüência e surge de muitas fontes. Obtém-se auto-estima através da auto-realização que é uma necessidade muito evidente nas crianças. A música pode ser utilizada como meio de desenvolver e fazer surgir a auto-estima.

O ritmo é o principal fator de organização e controle, gerador de energia que impulsiona e conduz a música. É o elemento que com mais facilidade passa de uma cultura para outra.

Não há como modificar o passado do indivíduo, as situações já vivenciadas. Pode-se re-organizar o presente, fazendo com que os acontecimentos do passado sejam re-significados, influenciando nas ações futuras. Da mesma maneira, não há como voltar no tempo e vivenciar uma situação novamente, de modo a anular o evento estressor. Em música, há a possibilidade da repetição, de recomeçar a música novamente, proporcionando ao indivíduo uma nova tentativa para alcançar o êxito. A música ainda proporciona três níveis de experiência: experiência estruturada; experiência em autoorganização; experiência na relação com os demais.

O procedimento, que se refere à experiência estruturada, diz respeito a possibilidade que a música tem de oferecer ao indivíduo um evento com início, meio e fim, ou seja, com uma ordenação cronológica. A música possibilita neste nível que o comportamento do indivíduo neste contexto, seja adaptado às suas capacidades, tanto no nível físico quanto psicológico. Além disso, a música provoca comportamento orientados pelo afetivo, de acordo com os sentidos podendo suscitar idéias e associações extra-musicais.

O nível da experiência em autoorganização, refere-se à participação do indivíduo. A música possibilita a autoorganização por permitir a auto-expressão. O indivíduo pode expressar-se através e por meio da música e de expressar-se obtém oportunidades de desenvolver comportamentos compensatórios, de receber recompensas e castigos socialmente aceitos. A música possibilita também elevar a auto-estima, através das experiências de êxito que proporciona, do sentimento de sentir-se necessário para os outros e neste movimento eleva a estima dos demais. Quando tecemos uma crítica ao indivíduo na Musicoterapia, não estamos criticando ou elogiando diretamente. Falamos do seu fazer musical e por estabelecer a comunicação/crítica neste nível, não corremos o risco de fazer o indivíduo recuar. Apresenta-se alternativas no nível musical, que se refletem em outras atividades da vida da pessoa em questão.

E, no nível da experiência na relação com os demais, a música possibilita que o indivíduo aprenda a expressar-se de modo adequado ao grupo onde está inserido. Aprende a estabelecer a comunicação de modo socialmente aceito. Além disso, na música o indivíduo tem oportunidades de estabelecer responsabilidades com ele mesmo e os demais. O fazer musical no grupo faz com que o indivíduo ali inserido aumente sua interação social e desenvolva a comunicação verbal e não-verbal. Proporciona a

cooperação e competição de modo sadio, entendimento e recreação próprios do ambiente terapêutico e também possibilita que sejam apreendidas habilidades sociais e comportamentos realistas.

3. A CANÇÃO FOLCLÓRICA

As Canções folclóricas possuem o sentimento de pertencer, revelam um comportamento de um povo, uma maneira de ser de uma determinada cultura e expressam a cultura de uma determinada região.

Os elementos que compõem a canção folclórica são: o texto, a ordem impressa pelo texto e o não verbal, constituído pela melodia, a coreografia e o gesto.

Toda estrutura da canção é organizada pelo ritmo, que trata-se de uma estrutura temporal. A canção possui início, meio e fim. Oferece-se algo que já está pronto. O fio temporal proposto tem uma previsibilidade, inclusive de fim, de quando a canção vai terminar; há uma organização, uma proposta que somente a música possui. A música proporciona à criança oportunidades de se estar junto, de fazer ao seu tempo. Além disso, sua dinâmica é flexível: se a criança não consegue acompanhar, há como adaptá-la ao tempo da criança.

É fundamental descobrir qual a dinâmica da criança para neste ponto iniciar o trabalho terapêutico. Conseguindo-se fazer tal descoberta, compartilhamos uma dinâmica igual, ao fazer junto, entendemos o como é feito e partimos para o por quê é feito daquela maneira. A Musicoterapia não tem sua atenção voltada para a estética, mas em descobrir o que leva a criança a apresentar um determinado comportamento musical. Busca-se compreender de que maneira a patologia está se manifestando musicalmente para então criar propostas musicais direcionadas para a melhoria da qualidade de vida do paciente.

As situações de stress surgem num contexto de sincronia e anacronia: quando se consegue estar junto e quando não se consegue estar junto. É muito comum a queixa de professores e pais de que "a criança não acompanha a turma", que a criança tem "o ritmo errado". Não se trata de uma questão de certo ou errado. Cada um de nós possui um ritmo próprio, que possui comportamentos distintos quando em relações individuais, em duplas ou em grupo. Ao bater palma sozinha, a criança possui um ritmo, uma maneira de bater palma. Quando com outra criança, há um outro funcionamento, pois seu ritmo agora existe junto com o ritmo de outro e para que os dois aconteçam, é necessária uma adaptação, para que então haja uma unidade. Em situações de grupo, a criança precisa conciliar o seu tempo com todos os demais, para que consiga incluir-se. Na música é possível realizar estas três formas de encontro entre tempos e dinâmicas distintas. Cada indivíduo pode possuir um instrumento diferente do outro, mas para que haja um fazer musical em conjunto, é necessária uma adequação para que a experiência musical seja prazerosa.

O texto da canção folclórica pouco importa, pois são dotados de falta de sentido. Segundo Silva, as canções folclóricas são compostas por termos referentes diretos (monossêmicos interpretados em seu sentido literal e imediato) e indiretos (polisêmicos, com dois ou mais significados), idéias aludidas (metáfora, contempla o somatório de palavras formando uma frase/verso e criando uma imagem) e estruturas de lalação

(integração de um conjunto de sons repetitivos isentos de sentido imediato).

A estrutura de lalação pouco importa para a criança, não há sentido no trá-lá-lá ou em adoleta. O texto acaba por perder seu sentido, o que possibilita que a criança o reconstrua e re-signifique em seu jogo musical. O que tem importância é que a criança se coloca no tempo da canção e se organiza.

4 CONCLUSÕES

O tempo de uma canção, a sua duração, equivale exatamente ao tempo que uma pessoa pode vivenciar uma estrutura de organização. Tempo inserido nesta estrutura e que pode variar de 30 segundo até o envolvimento total do indivíduo com uma atividade.

O fazer musical revela muito sobre um paciente, pois mostra o como e o quanto se faz. Em Musicoterapia, a unidade de medida para saber se uma pessoa está em uma atividade é a do estar junto ou não. Não há como fingir ou esconder algo: ou se faz, ou não se faz. Sendo que este fazer depende da dinâmica, do ritmo, do tempo do indivíduo em questão.

O gerenciamento do stress infantil através das canções folclóricas possui eficácia principalmente porque o faz com música, com o jogo musical, que ao mesmo tempo em que antecipa cenas da vida da criança, lida com o prazeroso, o que o stress não contempla. O prazer é revelado no fazer musical, através das modulações de afeto no cantar e no tocar algum instrumento. O fingimento não é possível porque o como se está tocando ou cantando, está denunciando o que a pessoa realmente sente.

REFERÊNCIAS

- GASTON, Thayer. Tratado de Musicoterapia. Buenos Aires: Paidós, 1968.
LIPP, M.E.N.; SOUZA, E.A.P.S.; ROMANO, A.S.F.; COVOLAN, M.A. Como enfrentar o stress infantil. São Paulo: Ícone, 1991.
SILVA, Laura Franch Schmidt da. O sagrado nas canções folclóricas infantis brasileiras. Tese de Doutorado, Faculdades EST, São Leopoldo, 1999.
VILLA-LOBOS, Heitor. Guia Prático: Estudo Folclórico Musical. Primeiro Volume. São Paulo: Irmãos Vitale, 1941.

123- Musicoterapia, interdisciplinaridade e terceiro setor: uma experiência psicanalítica. Camila S. G. Acosta Gonçalves; Iara Del Padre Iarema; Thomas Brenner.

Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves¹
Iara Del Padre Iarema²
Thomas Rodolfo Brenner³

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência profissional em instituição do terceiro setor. Pretende-se discutir a participação do musicoterapeuta em equipe interdisciplinar orientada pela psicanálise, buscando fundamentação em BENENZON, DI CIACCIA, JERUSALINSKY, LAURENT e VORCARO. Articulam-se essas ideias às características do trabalho no terceiro setor, no qual o profissional lida com questões que extrapolam o contexto da clínica para o campo do social.

Palavras-chave: Musicoterapia. Interdisciplinaridade. Psicanálise. ONG (Organização Não Governamental).

1. APRESENTAÇÃO

O presente escrito é fruto de uma experiência profissional. O trabalho em uma equipe interdisciplinar orientada pela psicanálise e, mais ainda, situada em uma instituição de terceiro setor (organização sem fins lucrativos), suscitou questões quanto às particularidades dessa prática e à participação do Musicoterapeuta nesse contexto.

São discutidos, então, conceitos do Modelo Benenzon de Musicoterapia, pois fundamentam a atuação do Musicoterapeuta na referida instituição, e suas relações com a psicanálise. São apontadas as questões referentes ao conceito de "linguagem analógica" (não-verbal) como uma via de expressão da subjetividade tão válida quanto a "linguagem digital" (verbal), dentre outras características do modelo.

Também serão abordadas as peculiaridades do trabalho interdisciplinar psicanalítico, a partir dos conceitos e experiências institucionais de Di Ciaccia (1999), Jerusalinsky (1997), Vorcaro (1996) e Laurent (1999), os quais ilustram a importância do trabalho psicanalítico no qual o terapeuta faz valer os significantes de cada sujeito, particularmente, desocupando o lugar do detentor de um saber absoluto. Nesse contexto, buscou-se elucidar a Musicoterapia como um espaço de escuta do sujeito, da identificação e da emergência das manifestações não-verbais.

¹ Musicoterapeuta (FAP), formanda no nível técnico do Modelo Benenzon (Fundación Benenzon, Buenos Aires; Centro Benenzon, São Paulo) e Pedagoga (UFPR). Atuação nas áreas de: Saúde Mental, Reabilitação (neurológica e motora), Bebês de Risco, Cuidados Paliativos e Controle de Dor.
Email: camilah0001@yahoo.com.br

² Musicoterapeuta pela FAP; especialista em Saúde Mental, pelo IBPEX; Técnica no Modelo Benenzon de Musicoterapia, pela Fundación Benenzon. Email: iaramus@hotmail.com

³ Musicoterapeuta pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Email: thomas_brenner1@hotmail.com